

Fernando Haddad

Em defesa do socialismo

Por ocasião dos 150 anos do *Manifesto*

0



531
6e

 EDITORA
VOZES

Em defesa do socialismo, de Fernando Haddad, lembra o *Manifesto Comunista* de Marx e Engels por muito mais do que o subtítulo. Ele, de alguma maneira, cobre o mesmo terreno do *Manifesto*: propõe um diagnóstico do capitalismo atual, que chama de 'superindustrial' para sinalizar sua etapa contemporânea (superior à etapa 'industrial' da época de Marx e Engels); desenvolve uma nova teoria das classes neste capitalismo, distinguindo uma classe proprietária e três classes não proprietárias; analisa diferentes inter-relacionamentos destas classes para propor toda uma estratégia de luta pelo socialismo que possa unir as classes não-proprietárias nesta empreitada.

Alguns poderão achar que é muita pretensão elaborar um novo Manifesto no final do século XX, mas (felizmente) não faltou pretensão aos dois jovens intelectuais alemães - Marx não tinha completado 30 anos e Engels, 28 - para escreverem um texto que mudou o curso da história e a

Em defesa do socialismo

Coleção Zero à Esquerda

Coordenadores: Paulo Eduardo Arantes e Iná Camargo Costa

- Desafortunados
David Snow e Leon Anderson
- Desorganizando o consenso
Fernando Haddad (Org.)
- Dicionário de bolso do almanaque filosófico zero à esquerda
Paulo Eduardo Arantes
- Os direitos do antivalor
Francisco de Oliveira
- Em defesa do socialismo
Fernando Haddad
- Geopolítica do caos
Ignacio Ramonet
- Globalização em questão
Paul Hirst e Grahame Thompson
- A ilusão do desenvolvimento
Giovanni Arrighi
- As metamorfoses da questão social
Robert Castel
- Os moedeiros falsos
José Luís Fiori
- Poder e dinheiro: Uma economia política da globalização
Maria da Conceição Tavares e José Luís Fiori (Orgs.)
- Terrenos vulcânicos
Dolf Oehler
- Os últimos combates
Robert Kurz

Conselho Editorial da Coleção Zero à Esquerda

*Otília Beatriz Fiori Arantes
Roberto Schwarz
Modesto Carone
Fernando Haddad
Maria Elisa Cevasco
Ismail Xavier
José Luís Fiori*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Haddad, Fernando

Em defesa do socialismo : por ocasião dos 150 anos do Manifesto / Fernando Haddad. - Petrópolis, RJ : Vozes, 1998.

ISBN 85.326.1992-4

I. Socialismo 2. Socialismo - História I. Título.

98-0908

CDD-320.531

Índices para catálogo sistemático:

I. Socialismo : Ciência política 320.531

L1655861-30934

Fernando Haddad

Em defesa do socialismo

por ocasião dos 150 anos do Manifesto

 EDITORA
VOZES

Petrópolis
1998



© 1998, Editora Vozes Ltda.
Rua Frei Luís, 100
25689-900 Petrópolis, RJ
Internet: <http://www.vozes.com.br>
Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

FICHA TÉCNICA DA VOZES

PRESIDENTE

Gilberto M.S. Piscitelli, OFM

DIRETOR EDITORIAL

Avelino Grassi

EDITOR

Lídio Peretti
Edgar Orth

DIRETOR INDUSTRIAL

José Luiz Castro

EDITOR DE ARTE

Omar Santos

EDITORAÇÃO

Editoração e organização literária: Renato Kirchner

Revisão gráfica: Revitec S/C

Projeto gráfico e capa: Mariana Fix e Pedro Fiori Arantes

Supervisão gráfica: Valderes Rodrigues

ISBN 85.326.1992-4

Este livro foi composto e impresso pela Editora Vozes Ltda. em março de 1998.

A Eugênio Bucci

SUMÁRIO

9 Prefácio

11 Em defesa do socialismo

13 I – O legado de Marx

37 II – Propostas de políticas socializantes

59 III – Perspectivas concorrentes

59 a) *Welfare State* nacional e mundial

60 b) Neonazismo

62 c) Fascismo

67 Agradecimentos

não só da perspectiva hoje hegemônica? Será que o processo em marcha não traz em seu bojo a abertura de brechas que tornam possível a reorganização – a partir do zero, bem entendido – daqueles que crêem na superação positiva da ordem vigente?

Num momento de refluxo do movimento socialista, Marx foi lembrado por um camarada de que, em uma de suas obras, Hegel observa que imediatamente antes que surja algo de qualitativamente novo, o antigo estado recupera a sua essência originária, na sua totalidade simples, ultrapassando todas as diferenças que abandonara enquanto era viável. Esse pode ser, precisamente, o caso da “nova ordem” que aparece como a prova definitiva da superioridade de uma determinada formação social quando, na verdade, seria o simples anúncio de seu esgotamento histórico. Não seria por isso que junto com o neoliberalismo surge uma apaixonada compulsão a anunciar a morte do socialismo e do pensamento crítico? Talvez tudo isso seja uma celebração, mas por que a pressa em encerrá-la, o nervosismo estampado no rosto dos convivas?

I – O legado de Marx

O principal defeito do movimento socialista até aqui foi acreditar que, sob o capitalismo, o desenvolvimento das forças produtivas materiais entraria *necessariamente* em contradição com as relações de produção vigentes. Em outras palavras, foi não perceber o quão elásticas são as relações de produção capitalistas, o quão adaptável é o sistema, de modo que a dialética entre as relações sociais capitalistas e as forças produtivas da sociedade moderna desdobra-se de uma forma completamente diferente daquela do pré-capitalismo. No pré-capitalismo, as relações de produção eram rígidas, as instituições políticas e jurídicas eram quase imutáveis e se interpunham como barreiras ao progresso material. Nesse contexto, sim, o desenvolvimento econômico provocava freqüentemente fissuras no edifício institucional das sociedades, abrindo caminho para eventuais rupturas, levadas a cabo por indivíduos que encontravam terreno fértil para sua pregação. Os socialistas incorreram em

erro ao promover uma indevida extrapolação dessa mecânica para a sociedade atual. Pois no caso do capitalismo, ao contrário, o desenvolvimento econômico, longe de ameaçar, legitima o sistema, torna-o progressivamente mais amoldável, amplia o grau de liberdade com que seus gestores podem costurar acordos, alguns sólidos, outros mais frágeis, mas ainda assim acordos, afrouxa, diferentes atores sociais. A luta de classes aguça, afrouxa, recrudescer e se volatiliza numa arena que é tão maior, e portanto permite movimentos menos circunscritos, quanto mais intenso é o grau de desenvolvimento da produção. Os limites do sistema são constantemente alargados. A liberdade de ação, por certo, sofre sempre o constrangimento do ciclo econômico, mas as crises recorrentes, pelo menos até agora, não têm sido capazes de romper o que parece ser o mau infinito da acumulação capitalista.

Curiosamente, no plano estritamente econômico, a teoria do maior pensador socialista era bastante flexível ao formular as leis gerais do sistema capitalista. Toda lei econômica marxista admite contratendências importantes. Tomada em seu conjunto, a obra de Marx, ao mesmo tempo em que indica a tese da pauperização crescente das classes não-proprietárias, relativiza-a ao contemplar a possibilidade de que a luta de classes provoque efeitos distributivos; ao mesmo tempo em que propõe a tese da proletarianização das antigas classes sociais, aponta para a emergência e provável crescimento das camadas médias como fruto do desenvolvimento do sistema; ao mesmo

tempo em que desnuda a lei tendencial de queda da taxa de lucro, admite sua inevitabilidade pelo barateamento dos meios de produção conseqüente do progresso técnico. Contudo, no plano institucional, esse teórico genial considera toda evolução, do sufrágio universal à sociedade por ações, como prenúncios da nova ordem socialista e não como aperfeiçoamentos que vêm dar uma capacidade ainda maior ao sistema de se adaptar às demandas de ordem social e de ordem técnica. Essa deficiência, certamente, não se deve a uma limitação do pensamento de Marx ou do seu método de investigação, mas a uma limitação do seu próprio tempo que não lhe permitiu comprovar em toda sua envergadura a negatividade da sua dialética.

O mesmo tipo de raciocínio se aplica à chamada acumulação primitiva de capital, "acumulação que não decorre do modo capitalista de produção, mas é seu ponto de partida". Acertadamente, Marx previu que o capitalismo destruiria até as muralhas da China, obrigando todos os povos periféricos ao sistema a adotarem, sob pena de perecimento, o modo burguês de produção. Mas a forma como isso se deu nas diferentes regiões do planeta desrespeitou toda lei e toda lógica. Da mesma forma que os liberais americanos dos séculos XVIII e XIX foram capazes de conservar a escravidão com vistas a acumular o necessário para garantir as condições da futura ordem capitalista, os stalinistas soviéticos do século XX foram capazes de exacerbar o despotismo oriental com essa mesma finalidade. O capital se apropriou de todo pas-